

## PELO DIREITO DE LIQUIDIFICAR: REFLEXÕES SOBRE ANTROPOFAGIA NAS MÚSICAS DO GRUPO PURO SUÇO

Amanda Tiemi Romero Ogima (UEMS)<sup>1</sup>

Neurivaldo Campos Pedroso Junior (UEMS)<sup>2</sup>

### RESUMO

Partindo da literatura comparada, assumindo a postura que a literatura se faz no diálogo constante de diversos textos, este trabalho se propõe a refletir sobre a antropofagia de Oswald de Andrade presente nas letras de rap do grupo Puro Suco, um grupo formado por três integrantes, Murica; Prs, O Peres e MK (BEATDOMK). Na onda do ritmo e poesia, o grupo brasileiro Puro Suco se apresenta como um grupo de produção independente que canta nas ruas da Ceilândia, bairro considerado periferia de Brasília, uma ode aos brasileiros. De forma exploratória, busca-se informar sobre o assunto através da leitura de escritores que são referência nesse tema, como o próprio Oswald de Andrade (2017), Silviano Santiago (2000) e outros pesquisadores que já falaram sobre o *rap* nacional. Também, por meio da leitura de letras de músicas, documentários, *podcasts*, entrevistas e materiais audiovisuais do grupo Puro Suco. Em ponto de partida, a investigação se focará no grupo de *rap* Puro Suco e como objeto final a análise da música “brasileiro” lançada pelo grupo em 2021. O grupo é conhecido pelo slogan “Puro suco: música de liquidificador” e flerta constantemente com os movimentos antropofágicos e tropicalistas, deixando evidências de suas leituras em diversas de suas músicas, não só como grupo, mas também em suas carreiras individuais. Assume-se também a postura de conceber o *rap* um gênero intermídia, que une musicalidade, poesia e performance. Além disso, reforça a ideia do *rap* como um movimento cultural que expressa não só as angústias individuais, como também, as realidades e reivindicações de uma comunidade.

**Palavras-chaves:** Antropofagia. Puro Suco. *Rap* nacional. Literatura comparada.

---

<sup>1</sup> Aluna no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup> Professor Dr. e orientador no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

## INTRODUÇÃO

Cantamos poesia e lemos música, ouvimos capítulos e escrevemos melodias, essas duas áreas, Literatura e Música, apesar de separadas, se trocam e se emprestam continuamente. Claramente, possuem teorias críticas específicas e análises de contextos diferentes, enquanto um texto literário de Machado de Assis, por exemplo, pode ser analisado no sentido físico e visual das palavras, a música pode ser analisada em mais de um sentido, no visual e no auditivo. A música também pode ser vista como um evento total da expressão cultural literária, abarcando em suas letras o metafórico e aguçando em outros sentidos sensoriais, o poético. Dessa forma, uma análise literária-musical busca expandir o conceito de literatura como uma forma de manifestação artística e cultural de um povo.

A perda da hegemonia do objeto literário na civilização da imagem e do espetáculo acarreta mudanças na própria constituição do texto e no seu espaço de circulação social, promovendo a necessidade de se abordar, pela via comparatista, a relação da literatura com os demais meios de comunicação ou de manifestação artística (SOUZA e MIRANDA, 1997, p. 49).

A palavra literária, hoje, não pertence somente aos textos imóveis dentro dos livros. Com a globalização e as novas relações intersemióticas advindas dos meios de mídia e simulações audiovisuais, trazem consigo um caráter transnacional para o texto literário, isso explica Eneida Maria de Souza e Wander Miranda<sup>3</sup>. Nessa linha, busca-se o deslocamento da crítica literária e não o aprisionamento da teoria em uma só disciplina. A literatura e a música perpassarão este trabalho desde as influências literárias dos componentes do grupo musical Puro Suco ao estudo do produto final que são suas músicas.

Nesse sentido, o rap pode ser considerado a união dessas duas disciplinas, tendo em vista a literariedade de suas letras que buscam não só expor uma realidade social, como também contar uma história e manifestar suas verdades. O rap é uma linguagem intermídia para a qual convergem elementos não apenas da música, mas também de outras linguagens e modos de expressão, assim explica Marcus Salgado no artigo *Entre ritmo e poesia: rap e literatura oral urbana* e completa “Isso fica explícito em seu próprio nome, pois *rap* significa *rhythm and poetry* – portanto, ritmo e poesia-, numa alusão à síntese de palavra e som que o caracteriza” (SALGADO, 2015, p. 151).

Na onda do ritmo e poesia, o grupo brasileiro Puro Suco se apresenta como um grupo de produção independente que canta nas ruas da Ceilândia, bairro considerado periferia de Brasília, uma ode aos brasileiros. Mais que um elogio ao Brasil, se propõe a falar, também, sobre o “sujo”, sobre o que não é tão bonito de ver. De acordo com a plataforma de *streaming Spotify*<sup>4</sup>, o grupo Puro Suco nasceu do encontro entre Murica e Prs, O Peres, na roda de rima da *Batalha do Museu*<sup>5</sup>, no centro de Brasília, no ano de 2017. Em 2019, o produtor musical MK (conhecido também como BEATDOMK) integra-se ao grupo. Começaram lançando singles, como *Sujão* (2017), *Fluído* (2017), *Cabrón* (2018), *Melô do amor* (2018), *Grosseria Fria* (2018), *Sutil* (2019), *Guimba* (2019), *Caetano* (2019) e *Dito sujo* (2019). Já em 2019, lançaram seu primeiro álbum, com oito músicas inéditas, intitulado *Rataria Popular Brasileira*<sup>6</sup>. 2020 foi um ano de muitos lançamentos como os singles *Joalheria Lírica*,

<sup>3</sup> Falam sobre o avanço da literatura comparada, entre outras coisas no artigo chamado “Perspectivas da literatura comparada no Brasil”, incluso no livro “Literatura comparada no mundo: questões e métodos” organizado por Tânia Franco Carvalhal.

<sup>4</sup> *Spotify* é um serviço de *streaming* de música, podcast e vídeo que foi lançado oficialmente em 7 de outubro de 2008. É o serviço de *streaming* mais popular e usado do mundo.

<sup>5</sup> A Batalha do Museu é um dos pontos de duelo de rima mais antigos e conhecidos do Distrito Federal, localizado em frente ao Museu da República.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/6RsZXnoiUCMjZAcDVlaD0l>>. E também em outras plataformas digitais: Youtube, Dezzter e Apple music.

*Ogunhé*, um EP *Mistério da Quadra 3*, *Caro Watson* e *Carcará*. Em 2021 lançaram até o momento dois *singles*, *Brasileiro* e *Alô Vigia*.

Partindo da literatura comparada e assumindo a postura que a literatura se faz no diálogo constante de diversos textos, o trabalho se propõe a refletir sobre músicas que em movimento constante assumem um caráter antropofágico de cultura. De forma exploratória, a pesquisa se propõe a discutir acerca da antropofagia, através da leitura de escritores que são referência nesse assunto, como o próprio Oswald de Andrade, Silviano Santiago e outros pesquisadores que já falaram sobre o *rap* nacional. Por meio da leitura de letras de músicas, documentários, *podcasts*, entrevistas e materiais audiovisuais do grupo Puro Suco. Em ponto de partida, a investigação se focará no grupo de *rap* Puro Suco e como objeto final a análise da música *Brasileiro* lançada pelo grupo em 2021 e se espera registrar a presença desse grupo no cenário nacional como um grupo de *rap* antropofágico. O grupo é conhecido pelo slogan “Puro suco: música de liquidificador” e flerta constantemente com os movimentos antropofágicos e tropicalistas, deixando evidências de suas leituras em diversas de suas músicas, não só como grupo, mas também em suas carreiras individuais.

### **POR UMA RATARIA POPULAR BRASILEIRA**

Em maio de 1928 é publicada o primeiro número da Revista de Antropofagia e nela o *Manifesto Antropofágico* de Oswald de Andrade, que vai a influenciar outros movimentos culturais que reverberam até hoje em alguns nichos de cultura, como no nicho da música. A ideia central é a de comer o que nos serve, no sentido literal do que é a antropofagia. Segundo o dicionário Aulete digital<sup>7</sup> (2021) a antropofagia é o ato do antropófago; canibalismo; e se caracteriza como um movimento de vanguarda na literatura e artes que prega uma assimilação crítica “tomando como modelo a antropofagia dos antigos tupinambás (ingestão do inimigo para apropriação de suas qualidades guerreiras)”. Oswald de Andrade não só no manifesto, mas em outros textos como *Manifesto da Poesia Pau Brasil* (1924), *Uma adesão que não nos interessa* (1924) e em *Ordem e Progresso* (1931) expande suas ideias sobre antropofagia e deixa cada vez mais claro que a busca pelo nativo, pelo genuíno do povo brasileiro não é a busca pelo o nativo exposto nas obras de José de Alencar.

A antropofagia é simplesmente a ida (não o regresso) ao homem natural. [...] O homem natural que nós queremos pode tranquilamente ser branco, andar de casaca e avião. Como também pode ser preto e até índio. Por isso o chamamos de “antropófago” e não tolamente de “tupi” ou “pareci” (ANDRADE, 2017, p. 67).

A ideia da devoração antropofágica também é concebida pelos críticos da literatura comparada um procedimento próximo das relações intertextuais, onde quebra-se a ideia de que o Brasil tenha uma dívida cultural ao buscar referências e utilizar de modelos europeus de literatura e cultura. A pesquisadora comparatista Tania Franco Carvalhal, acentua ainda que a antropofagia vem para inverter o processo: passar de devorado a devorador.

É agora o representante da cultura periférica e dependente que investe contra a do colonizador, mutilando-a, espremendo-lhe o suco para extrair dela apenas o que lhe serve. Assimila somente o que lhe convém. (CARVALHAL, 2006, p. 80).

A retomada do tema antropofágico não é ao acaso. Pensando em quais momentos a antropofagia é evocada pelos artistas, revelam que têm muito a ver sobre o momento político no qual

---

<sup>7</sup> Acesso pelo site: < <https://aulete.com.br/>>.

o país está vivenciando. Quando o movimento Tropicália surgiu, movimento com claras influências antropofágicas, puxado por Caetano, Gilberto Gil, Gal Costa, Os Mutantes, entre outros, o atual estado era de ditadura. A música naquela época fazia resistência diante da censura da ditadura militar e necessitava de uma postura crítica sobre o que estava acontecendo. Em nível artístico, os tropicalistas devoravam referências internacionais e nacionais, experimentavam unir sonoridades brasileiras populares com o rock, o folk, pop e guitarras elétricas, conseguiram modernizar e propor uma nova forma de ver a cultura brasileira.

No mesmo caminho, o grupo Puro Suco surge em um momento delicado do país, no qual muda-se a presidência da república para um sujeito que se intitula patriota, porém recusa seu povo, sua cultura, suas conquistas e louva em extremo a cultura estadunidense além de aclamar momentos ditatoriais sofridos pelo Brasil e por outros países. Dessa forma, o rap do Puro Suco vem na contramão da política de negar o Brasil. Suas letras exaltam as grandes músicas brasileiras, seu povo, sua luta e sua vida complexa, ao mesmo tempo que tomam posição contra o governo atual. O grupo também faz uso de diversas sonoridades brasileiras, como os sons dos batuques de matriz africana, chocalhos, utilizando de samples<sup>8</sup> e buscando referências no jazz, na MPB, no baião, no samba, no maracatu.

Uma das vozes do grupo, Murillo Felipe, mais conhecido como Murica, já anunciou, abertamente, em vários momentos sua inspiração nos tropicalistas, inclusive lançou um EP em 2021 com o nome *O que restou da marginália*<sup>9</sup> que faz referência direta a toda uma época onde cresceram os movimentos tropicalistas e o movimento *marginália*, que teve início a partir dos trabalhos de artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil, que compunham o movimento tropicalista. Em entrevista para o *podcast Enxuga Gelo*, comandado pelo *rapper* Froid e com a direção de Gabriel Nardin, Murica diz que se inspira nos movimentos musicais daquela época e se identifica, as vezes até mais do que com algumas músicas atuais. Ao falar sobre originalidade, em mesma entrevista, revela assumir um caráter antropofágico nas criações para as músicas do grupo e de seus álbuns individuais.

O novo daquela perspectiva que te falei, da antropofagia. [...] Mas eu enxergo assim, só você pode viver a sua vida. As experiências que você teve, então assim, mesmo que as paradas sejam copiadas mano, você tá, tá passando por você, tá tendo algo que só você tem ali na parada. Eu acho que é isso que a gente tem que se apegar. Mesmo servindo de inspiração. Mas assim mano, é aquele papo, antropofagia mano. Tá ligado, vamos absorver o que tem de melhor, da casa do caralho, foda-se. Tá ligado, onde tem coração batendo, tem música. Então onde tem música tem alguma coisa pra aprender, sacou? E tem que ter humildade pra aprender (MURICA - Enxuga Gelo #21, 2021)<sup>10</sup>.

Ademais, o próprio nome do grupo pode remeter ao ato de beber de uma fonte antropofágica. No primeiro single *Sujão* a música começa com uma narração “A partir do momento que se espreme o fruto proibido, eis o puro suco” e também na frase que eles repetem em quase todas as músicas “Puro suco: música de liquidificador” observa-se o uso da metáfora do suco, mas não um suco qualquer. Um conjunto de frutas diferentes batidas no mesmo liquidificador e sem peneirar, gerando um suco puro e sem espaço para peneirar os sentimentos. A ideia do puro percebe-se que ser vinda

<sup>8</sup> Sample é como um recorte de som, seja de uma música já existente ou um trecho instrumental gravado em outro momento. Do inglês: amostra.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/64UKflzHHhR6d5S3PJT9Fm>>.

<sup>10</sup> Transcrição da entrevista no *podcast Enxuga Gelo*, em maio de 2021.

não da ideia de uma raça pura, mas sim no sentido de vir da terra, da fruta que nasce no chão e não recebe tratamento químico. O suco não é artificial, vinda de um enlatado exportado. Puro suco, é uma mistura genuína de brasilidade.

No lançamento de seu primeiro álbum, estreiam uma nova Música Popular Brasileira, fazendo referência direta com a sigla MPB, assumem seu lugar no mundo sem vergonha de ser. O álbum ficou intitulado como *Rataria Popular Brasileira* e em oito músicas fazem homenagens a diversos artistas brasileiros. Na faixa 4, a música *Satélite* faz releitura do *Samba da benção* do poeta Vinicius de Moraes, pedindo a benção a diversos nomes nos quais eles têm inspiração:

Eu peço a benção sagrada  
À benção Cazusa, Mato Grosso, Tim Maia, Gonzaga  
À benção Jorge Ben  
Licença Racionais  
Como na capoeira, o rito da benção divina  
À benção papai Caetano  
E mamãe Cássia  
Saravá Carolina de Jesus  
Saravá Sérgio Vaz e Clarice  
Saravá Mariguela,  
Saravá Pedro Bala  
Ê Saravá! (PURO SUCO, 2019).

Discorrem também acerca do movimento do rap, falam de Brasília, sobre o mundo e a respeito de suas inspirações e angústias. Na primeira faixa do álbum, a música *Bom dia, Vietnã* traz uma amostra sobre como o grupo propõe uma identidade brasileira que possui influências em diversas outras culturas latinas e do mundo, isso é explicitado nas escolhas de palavras estrangeiras em meio as rimas.

Deixo que rimem, deixo pensar que eles pensam que sabem enquanto sentimos  
sentiste o *swingue*? nunca subestime  
jovens rapazes que sabem da origem  
latinos! *hermano*, eu tô com a ideia certa  
mermão, vai chapá tua cabeça  
É ala Virgulino, Capitães de areia  
Fundaremos a nossa rataria popular brasileira (PURO SUCO, 2019).

Esse trecho além de expressar uma consciência sobre o que está sendo produzido hoje, faz referência direta a dois nomes: Virgulino, mais conhecido como Lampião, o Rei do Cangaço; e faz referências ao livro *Capitães de areia* de Jorge Amado. Ambas menções criam um universo vocabular do que seria a rataria popular brasileira. A rataria seria formada pelas pessoas que buscam uma justiça social, vive nas ruas, sente o asfalto no pé descalço e que conhecem a realidade brasileira. Na segunda faixa do álbum, *Morro do Galo*, contam um pouco do lugar onde vivem e retratam um Brasil todo: um lugar cheio de poesia e beleza, mas que têm também muitas mazelas.

É como eu sempre falo aqui no Morro do Galo  
Quando o sol vai embora sempre parece um espetáculo  
Mas além do céu também tem trafico explícito  
Dias lotam igreja  
Velhos perdem o fígado  
E eu sigo sem imita gringo

Do que mostra pro mundo que o Migos precisa aprender com a tribo  
Da periferia  
Mas a rua não é tão macia  
Eu olho a vida  
A mente frita e desconfia  
Tipo quem que é a polícia da polícia, hein? (PURO SUCO, 2019).

No sexto e sétimo verso citado, o grupo inverte uma posição de poder. Eles não imitam gringo e sim os gringos que deveriam aprender com a tribo da periferia. O “Migos<sup>11</sup>” citado na letra é um conhecido grupo de *trap*<sup>12</sup> dos Estados Unidos que influencia diversos *rappers* do Brasil, alguns sendo influenciados até em demasia, querendo ser como eles e outros conseguindo impor um estilo próprio, sem sucumbir à referência. Essa inversão remete-se também a inversão que Oswald de Andrade (2017, p. 56) propõe, “Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti”.

Influenciado pelo *Manifesto Antropofágico*, Silviano Santiago (2000), no ensaio *O entre-lugar do discurso latino-americano*, fala sobre como é complexo ser um artista latino-americano, pois a todo tempo esse artista precisa marcar sua posição “é, no entanto, preciso que assinale sua diferença, marque sua presença, uma presença muitas vezes de vanguarda” (SANTIAGO, 2000, p. 16), defender seu papel como artista estando *entre* outros artistas e não atrás de um modelo considerado superior. Dessa forma, Santiago complementa que “[...] o papel do escritor latino-americano, vivendo entre a assimilação do modelo original, isto é, entre o amor e o respeito pelo já-escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue.” (SANTIAGO, 2000, p. 23).

Essa resistência contra um Brasil de cartão de visita é algo recorrente nas músicas do Puro Suco, que trazem elementos em seus textos tipicamente brasileiros, como demonstra o trecho da música *Brasileiro*. Utilizando de elementos do Brasil e fazendo citação indireta a música *Águas de março* de Tom Jobim, o trecho da música consegue homenagear um ritmo que foi o rosto do Brasil por muito tempo, a bossa nova, e devorando dessa alusão consegue tomar partido sobre a política do país ao mesmo tempo que incorpora sua realidade.

É brown, erva, fim do caminho  
um louco sozinho, um "rapin" nacional  
temos praia, SUS, Aleijadinho  
um país do caralho na mão de um boçal (PURO SUCO, 2021).

Também é o que clama Oswald de Andrade no *Manifesto Antropofágico*: ser contra a cópia do modo de vida do outro, contra “a fixação do progresso por meio de catálogos e aparelhos de televisão. Só a maquinaria. E os transfusores de sangue” (ANDRADE, 2017, p. 55). Navegando nessa mesma onda de ser “contra todos os importadores de consciência” (ANDRADE, 2017, p. 51), na introdução do álbum *Rataria Popular Brasileira* (PURO SUCO, 2019), o grupo anuncia “Então rapaziada, é o seguinte, tem que ser melhor, que o barato não é Estados Unidos, a gente tá no Brasil.

<sup>11</sup> Migos é um grupo de trap dos Estados Unidos, conhecidos por estarem no topo da indústria de música norte-americana, sendo um grupo com músicas voltadas para o comercial.

<sup>12</sup> “O trap é um estilo de produção contemporâneo, originado em Atlanta, no sul dos Estados Unidos. O nome é uma referência às trap houses, construções abandonadas onde os traficantes se encontravam para processar e vender drogas, e onde também organizavam festas. Os beats de trap possuem um andamento mais lento, em torno 70 BPM. Geralmente utiliza-se timbres da bateria eletrônica Roland TR-808, assim como diversos timbres de sintetizadores com uma característica sombria, soturna. Hoje em dia o trap é a tendência dominante no rap mainstream.” (TEIXEIRA, p. 142 – 143).

Nós somos a nata da música. Nós somos o submundo, o *rap* é um submundo, tem que agir como submundo entendeu maluco?”, afirmando o compromisso do grupo de voltar-se ao Brasil e não somente para fora.

E por falar em *rap*, não se pode abandonar a ideia desse movimento que é de resistência cultural, de elaborar em suas realidades uma forma de expressão que manifeste suas dores e alegrias. Marcus Salgado (2015) reforça essa ideia dizendo que mesmo o rapper sendo um ser individual com suas próprias experiências, têm uma visão de mundo coletiva de uma comunidade e “o rapper como voz coletiva –, o rap se consolida como uma forma de agenciamento comunitário e de resistência cultural.” (SALGADO, 2015, p. 153) E a forma que o *rap* do Puro Suco consegue entrelaçar diversos ritmos e referências, os torna *rappers* antropofágicos que se voltam para a sua terra e também se lançam para o futuro, bebendo do suco que há de melhor em todos os lugares.

Voltando a *Brasileiro*, a música sintetiza uma ideia sobre ser brasileiro que questiona alguns estereótipos já elencados ao Brasil, como o ser *preguiçoso*. A música começa com uma gravação dizendo: “Neguinho quebra a laje quatro hora da manhã aqui no Brasil. O povo brasileiro trabalha pra caralho. Eu sou brasileiro, eu tenho orgulho de ser brasileiro. Não venha me dizer que, que eu sou preguiçoso. Ah, ‘vamo’ combinar né mano” (PURO SUCO, 2021). A faixa já começa questionando essa nomeação e representado por muito tempo no imaginário brasileiro, uma ideia criada nos tempos de escravidão como uma forma de rechaçar ainda mais o povo que foi escravizado que depois ainda se associou a ideia da preguiça aos vadios e malandros, imortalizados e também questionados na literatura nacional, como por exemplo, em Macunaíma de Mario de Andrade.

Brasileiro, eu não escolhi gingar,  
papai do céu lá de cima  
jogou "cá" nesse lugar um tanto de malandragem  
o que tem nosso fubá? sabe lá (PURO SUCO, 2021).

No trecho acima, utiliza-se da palavra “ginga”, muito conhecida no Brasil por ser um movimento ritmado, quase uma dança. A palavra vem das rodas de capoeira, onde o lutador começa a balançar-se de um lado para o outro no início da luta para conseguir passar pelo adversário. Essa é uma palavra que representa o povo brasileiro que *ginga* para ultrapassar as adversidades da vida. Mais pra frente ainda acrescenta na letra a farinha de milho, o fubá, um condimento que é clássico da cozinha brasileira.

“Pelo direito de liquidificar” (PURO SUCO, 2021), Puro Suco faz um apelo ao Brasil que precisa se impor acima dos estereótipos. “Você vai ter que tomar” (BRASILEIRO, 2021) o suco brasileiro que é feito de frutas diferentes e não precisa se desculpar ou se sentir inferior por isso. Na segunda parte, cantada por Prs, O Peres, inicia com um agradecimento: “Não convém mas vou agradecer / Te agradar já não tá mais na funça / Pouca culpa / Sem açúcar” (PURO SUCO, 2021). Ele tem ciência que não precisa agradecer pelo espaço que inicialmente foi aberto pelo rap estadunidense, afinal, o Brasil já tomou pra si esse espaço, já tem o rap correndo nas veias da rua e já transformou em algo genuinamente brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se os integrantes do grupo Puro Suco leram ou não o manifesto de Oswald de Andrade, não dá pra comprovar. Mas que eles conseguiram sintetizar toda essa teoria em suas músicas, com certeza sim. Em suas composições melódicas, percebe-se como eles decidem voltar às origens da brasilidade

no mesmo momento em que assimilam referências e marcam uma posição de vanguarda. Eles utilizam a linha do *boom-bap*<sup>13</sup>, conhecida por ser um estilo clássico, remetendo-se a origem do *Rap* no Brasil. Utilizam também de *samples* que fazem referência a outros autores e defendem a música como uma arte e não como um produto a ser vendido. Declaram que não querem sucumbir para a indústria e não tratará a música como somente um produto e explicitam isso em suas letras, “não quero seus métodos meritocratas / revistas de plágio não fazem meu dia” (PURO SUCO, 2019).

Assim como Oswald de Andrade, utilizam de frases curtas e com muita potência vocabular. Não se esquecem do metafórico e cultuam a ideia de conhecer de tudo um pouco, de ler, de pesquisar e debater, “nada vai parar quem para um pouco pra ler / por isso não paro na busca / de livro, conversa e cultura / de pixo, poesia e arte na rua...” (PURO SUCO, 2019). Inclusive, a estética de ser contra corrente é também uma estética utilizada pelos antropofagistas, que na semana de arte moderna defendiam uma quebra dos padrões da arte.

Essa quebra de padrões também é notada na literatura, que por meio do ramo da Literatura Comparada, conseguiu expandir as possibilidades dos objetos de pesquisa, pensando na literatura como uma manifestação humana advinda de sua época. Para mais, pensar sobre a arte que é o *rap* nacional só afirma a ideia de que o *rap* pressupõe a intermídia, “cruzamento entre música, poesia e performance – como elemento estruturante no próprio conceito de obra de arte.” (SALGADO, 2015, p.151) e essa intertextualidade tem muito a ver com a antropofagia, apesar de não resumir somente a um dialogismo. A antropofagia é muito mais que assimilar culturas externas da sua, é um movimento que propõe uma transformação, uma atitude perante a criação. Enfim, o grupo de *rap* Puro Suco nos prova que é possível ir contra a corrente da música mercadológica: com pitadas de antropofagia, atitude e compromisso.

---

<sup>13</sup> O boom-bap caracteriza-se pelo uso dos tambores bumbo e caixa bem evidentes e pelo uso constante de samples. Trata-se de um estilo de produção que conta com uso frequente de timbres de bateria acústica, geralmente extraídos de drum breaks de bandas de soul e funk, assim como outros samples de grupos das décadas de 1960 e 1970. O termo é usado para evocar a sonoridade “clássica” da música rap e é associado muitas vezes a um estilo *underground* (TEIXEIRA, 2018, p. 137).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago e outros textos**. SCHWARTZ, Jorge;

ANDRADE, Gênese (Org.). São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

ANTROPOFAGIA. In: Dicionário Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital Ltda, 2021. Disponível em: <<https://aulete.com.br/antropofagia>>.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

MURICA - Enxuga Gelo #21. Entrevistado: Murica. Entrevistadores: Froid e Gabriel Nardin São Paulo: Flow Estúdios, 20 mai. 2021. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/2b9ovyEihrERsh6CzYTnIR>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PURO SUCO. **Rataria Popular Brasileira**. Brasília: Puro Suco, 2019. Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/6RsZXnoIUCMjZAcDVlaD0l>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. **Brasileiro**. Brasília: Puro Suco, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ti7N1wouhko>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

SALGADO, Marcus Rogério. Entre ritmo e poesia: rap e literatura oral urbana. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 19. p. 151-163, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p153>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. Perspectivas da literatura comparada no Brasil. In: CARVALHAL, Tânia Franco (Org.). **Literatura comparada no mundo: questões e métodos**. Porto Alegre: L&PM/VITAE/AILC, 1997. p. 39 – 52.

TEIXEIRA, Michel Antônio Brasil. **Geração Boom Bap**: sampling e produção musical de rap em Belo Horizonte. 2018. Dissertação (mestrado em Artes) – Universidade do Estado de Minas Gerais – Belo Horizonte, 2018.